

Público

21-04-2017

Periodicidade: Diário

Classe:

Âmbito:

Tiragem:

Informação Geral

Nacional

51453

Temática: Sociedade

Dimensão: 1849 cm²

Imagem: S/Cor Página (s): 18/19



18 • Público • Sexta-feira, 21 de Abril de 2017

LOCAL

Um filme leva São Pedro da Cova a um reencontro com sua história

Hoje é apresentado *Do Carvão aos Resíduos*, regresso do realizador Rui Simões à vila mineira, 40 anos depois de aqui ter filmado um povo em revolução

Cinema Abel Coentrão

Antigamente era a mina. Agora, é cá fora. Assim cantavam Zé Mário Bran-co e o Grupo de Acção Cultural em 1975, na letra que elevou ao estatuto de canção a revolta que, a 22 de Maio de 1975 redundou na tomada das instalações das antigas minas de São Pedro da Cova e à criação do Centro Revolucionário Mineiro (CRM). Um realizador, Rui Simões, acompanhou de perto este PREC particular, e um ano depois fixou em três pequenos filmes esses dias em que a esperança de dias melhores, já não movida a carvão, se alimentava da militância de muitos. Quatro décadas passadas, o autor de O Bom Povo Português reabriu esse capítulo da sua filmografia e voltou a gravar na vila que, há uma década e meia, vem sendo assunto de conversa por um atentado ambiental.

Um homem cava um campo, com uma enxada, silencioso no seu esforço monótono até que o ferro, batendo numa superficie negra e dura, o põe a gritar: "Carvão! Carvão!" Ali por 1793, quem sabe se assim desta forma – ficcionada por Rui Simões, para abrir o seu filme São Pedro da Cova – esta vila do concelho de Gondomar mudou de rumo. Durante os 200 anos seguintes, a sua história escreveu-se nos túneis das minas, lugar de trabalho árduo e de revolta, e gerador, como poucos outros espaços, de uma identidade que perdurou para lá do fim da exploração deste mineral, há quase meio século.

Do Carvão aos Resíduos – os resíduos perigosos de São Pedro da Cova, de que muitos já terão ouvido falar fecha uma tetralogia de Rui Simões em torno da antiga vila mineira do concelho de Gondomar. Lá para Maio, quem sabe a tempo de mais um aniversário da revolta que deu origem ao CRM, deve ser editado um DVD que reunirá as três primeiras obras – Museu, O Que a Mina Deixou,

e Para além da Mina, reunidos sob o título genérico São Pedro da Cova, com pouco mais de 40 minutos no total – e o novo trabalho, que marca o reencontro do realizador com alguns dos participantes nos eventos e no filme de 1976, que lhe valeria, em 77, uma presença na selecção oficial do Festival de Cinema de Berlim.

Quando Simões chegou a São Pedro da Cova pela primeira vez, em 1975, já o CRM tomara conta das instalações das minas, fechadas desde 70, e do dia-a-dia desta comunidade, desenvolvendo obra social, alfabetizando adultos, acarinhando o associativis mo, construindo casas com organizações de moradores e apoiado num gabinete do SAAL (Serviço Ambulatório de Apoio Local). Ele próprio, que realizara pouco antes *Deus*, *Pátria e* Autoridade, participou nesse esforço, dando formação na área da fotografia a habitantes da vila, numa convivência que haveria, meses depois, de levar à realização do filme sobre esta vila às portas do Porto. Até amanhã, no Museu Mineiro, está patente uma exposição com fotografias feitas pelo realizador durante a rodagem, às quais se juntam outras – de *making* of, nas quais se vê a equipa de filmam – feitas precisamente por alguns desses formandos.

São Pedro da Cova, o filme, é uma ode ao espírito de resistência daquelas pessoas que, perante o realizador, "encenaram", para este documen-tário ficcionado, a imagem que de si pretendiam dar. E, apesar de tudo o que as minas lhes tinham tirado saúde, entes queridos mortos em múltiplos acidentes, ou a possibilidade de um salário digno –, o filme mostra-nos uma comunidade apostada em preservar a memória possível daqueles dias que pareciam longín-quos, tal o estado de ruína em que as instalações da companhia foram deixadas pelos antigos donos. Mas, doentes, despedidos com metade da indemnização a que teriam direito, e obrigados, desde 70, a pagar renda pelas casas que pertenciam à empre



Apesar de tudo o que as minas lhes tirou – saúde, entes queridos ou a possibilidade de um salário digno –, o filme mostra-nos uma comunidade apostada em preservar a sua memória sa que os abandonara à sua sorte; mesmo que quisessem, aquelas pessoas não podiam esquecer.

'Talvez esse esforço de preservação desse património se explique também por ele ser uma memória da capacidade de resistência, de luta, e por estar profundamente associado à identidade local", admite o presidente da junta, autarca comunista nu-ma vila em que o PCP se entranhou, galerias dentro, desde a década de 50, tornando-se, em democracia, força dominante no espectro político da freguesia. Daniel Vieira, que. apesar de ter nascido muito depois desses tempos, fez deles objecto de estudo, no mestrado, tem centrado muita da actividade do órgão a que preside nesse esforço de manter viva a identidade mineira do lugar. E foi ele, na verdade, que "obrigou" Rui Simões a reabrir este capítulo da sua filmografia depois de tanto ouvir a

tia, que aparecia no filme a vender jornais, falar daquele documentário que nunca vira.

Há uma década, então com 20 anos, o autarca comunista encontrou-se com Simões, na sede da produtora deste, a Real Ficção, em Lisboa. "Recordo-me daquele miú-do. Queria saber mais sobre o filme, saber se havia mais imagens ou docu-mentação. Confesso que nunca mais tinha pegado naquilo", explicou ao PÚBLICO o realizador, que se prepara para doar a São Pedro da Cova um acervo de material escrito sobre aquela produção feita a convite da Direcção-Geral de Educação Perma-nente, mas que nunca chegou a ser emitida na RTP, ao contrário do pre-visto. Depois daquela interpelação emocionada de Daniel Vieira, a que se seguiram novos contactos, antece dendo os 40 anos da criação do CRM, Simões descobriu, nos seus arquivos



Público

21-04-2017

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional **Tiragem:** 51453 Temática: Sociedade

Dimensão: 1849 cm

Imagem: S/Cor Página (s): 18/19

1793

A existência de carvão em São Pedro da Cova foi descoberta em 1793. As minas estiveram em funcionamento até 1970







bobines de 8mm de uma câmara pessoal que o acompanhava sempre (o filme foi gravado em 16mm), diapositivos e negativos que vão enriquecer o DVD a editar. E aceitou, apesar da magreza do orçamento que se pôde arranjar, filmar de novo.

O regresso a São Pedro da Cova permitiu-lhe o reencontro com alguns dos participantes nesses episódios de 5/76. Serafim Gesta, o Mazola, que leva já uma vida escavando, do fundo dos papéis e das memórias dos habitantes, a história da vila, foi um dos que, lembra Rui Simões, se aproximaram imediatamente dele, acabando por escrever textos para o filme e a participar na história com dois papéis, "fazendo" de si próprio, num caso e, noutro, ficcionando o padre que, em 1793, tentou guardar para si o segredo, e o proveito, do carvão então descoberto pelo seu criado.

Mazola, um homem do MDP-CDE

Até amanhã, no Museu Mineiro, está patente uma exposição de fotografias feitas pelo realizador durante a rodagem. Mazola e Rui Simões voltaram a reencontrarse para este novo filme

que editava O Diálogo, jornal local nascido no fervor da revolução, era técnico de vendas de medicamentos. Dos consultórios por onde passava, trazia medicamentos para os moradores da vila e, com os seus contactos no Ministério da Saúde, acabou por se tornar uma peça essencial para uma solução que permitiu o pagamento de reformas a cerca de um centena de antigos mineiros que, tendo trabalhado no subsolo até à década de 40, não estavam sob a alçada de nenhum sistema de previdência. "Ninguém de São Pedro da Cova ou de outra terra que aqui tivesse trabalhado tirou lucro da exploração

de carvão das minas. No entanto, o fruto que saía das suas entranhas e enriqueceu meia dúzia de parasitas serve hoje como pano de fundo à mais horrenda tragédia que se abateu sobre o povo mineiro", escrevia, em 1981, no seu livro *Um Grito Rompe o Silêncio*, reeditado pela junta.

Apesar de ser também ele, pelas palavras, um guardião dessa memória de resistência, Mazola olha para a obra de Rui Simões como o "garante da imortalidade" da acção do CRM nesse "período luminoso" – expressão do autarca Daniel Vieira da história desta comunidade. E o realizador assume o peso dessa responsabilidade. Era essa a função do filme. Como tem sido, aliás, a de todo o meu trabalho, embora ali seja mais evidente", afirma, recordando "a boa recepção" que no ano seguinte esta obra teve na competição, em Berlim, cidade onde se encolheu perante o

ambiente snob, o dinheiro para as grandes produções, que contrastavam com a pobreza de recursos com que filmara os seus mineiros.

Simões, como as gentes de São Pedro da Cova, queria fazer passar uma mensagem. E é inesquecível, nesse filme de 76, o plano em que Mazola, à frente de uma pequena multidão, numa rua estreita, se vira, com os seus olhos enormes, sempre muito abertos, como hoje, para a câmara, instalada num carro que se há-de afastar, deixando um recado para o Gover-

no de Lisboa: "Não se esqueçam de São Pedro da Cova, resolvam os seus problemas." Palavras ditas em 1976, que ecoam hoje pelas escombreiras onde, a céu aberto, milhares de toneladas de resíduos perigosos, depositados em 2001, são ainda um "novo" problema, com mais de uma década e meia, que só em 2018, segundo o Governo, será resolvido. "Era a mina, era a mina, mas agora é cá fora que a luta continua", já dizia a canção.

acoentrao@publico.pt